



## JUVENTUDE E SEXUALIDADE MASCULINA NO CONTEXTO HIP HOP

Breitner Tavares<sup>i</sup>

### *Resumo*

Este trabalho propõe verificar como o jovem constrói vínculos de sociabilidade, a partir da sexualidade masculina, voltados para o relacionamento afetivo, que expressa construção de papéis sociais sexuais femininos e masculinos. Para isso, será feita uma abordagem do problema referente à marginalização da juventude de comunidades localizadas na periferia do Distrito Federal, tendo por referência algumas de suas cidades, mais precisamente, Ceilândia. O recorte analítico para se observar o tema é o estilo de vida, em torno da cultura *hip-hop* praticada por jovens no Distrito Federal, compreendido como mecanismo produtor de suas orientações coletivas e visão de mundo.

*Palavras Chave:* juventude *hip-hop*; método documentário; masculinidade.

### *Introdução*

Este trabalho apresenta alguns resultados da minha pesquisa em nível de doutorado<sup>ii</sup> sobre o problema da marginalização da juventude em comunidades localizadas na periferia do Distrito Federal. O recorte analítico para se observar o tema é o estilo de vida em torno da cultura *hip-hop* praticada por jovens de uma mesma configuração geracional (Mannheim, 1993). Isso implica de modo geral, em se considerar aspectos objetivos de suas orientações coletivas num dado momento, tais como: pertencer a uma mesma classe, a um mesmo grupo de idade e de gênero.

As diversas respostas apresentadas pelos jovens sobre suas experiências amorosas possibilitaram observar o estilo juvenil, constituído num determinado espaço urbano. Nesse contexto, uma questão recorrente é como os jovens constroem vínculos de sociabilidade, a partir masculinidade associada ao estilo *hip hop*?

Ao se remeter à categoria juventude, objeto de diversas conotações, faz-se necessário discuti-la a partir de alguns postulados, os quais ajudarão a se aproximar da configuração de um campo temático para o estudo sociológico da juventude.

Inicialmente, cabe ressaltar que, dentre as abordagens sobre juventude, a mais difundida se faz através do conceito de *gerações*, desenvolvido por Mannheim (1952), o qual se refere de uma maneira geral a uma noção qualitativa de tempo e como esse tempo está voltado para um processo incessante de *mudança social*. Assim, a juventude inserida num processo de formação de uma *unidade geracional* diversa, frente à subjetividade de seus atores, realiza-se na busca de suas metas



íntimas, do espírito de seu próprio tempo. Nesse caso, o que importa é analisar nos tempos atuais quais são as reações e intenções desses grupos, em especial na contemporaneidade. A juventude exprime reações diferentes frente a problemas semelhantes, observáveis nos diferenciados estilos de vida manifestos. Esses estilos, por sua vez, estão voltados para a busca pela participação de espaços políticos na tentativa de reconhecimento social. Essa mobilização social a partir de uma posição de classe da juventude constitui um fator indicativo de sua posição geracional.

Em relação aos aspectos metodológicos, a interpretação documentária permite compreender a partir do *hip-hop* e suas manifestações artísticas como a música a partir dos sentidos das ações coletivas produzidas por esses grupos jovens em suas narrativas, bem como permite observar as representações sociais, no gestual, não escrito naquilo que está imanente à ação.

Em relação ao critério de seleção dos grupos, levou-se em conta a qualidade das respostas apresentadas durante as discussões dos grupos, obtida a partir da demonstração do conhecimento dos grupos sobre as questões apresentadas, como discute a teoria fundamentada ou *ground theory* (STRAUSS, 1967, apud WELLER, 2006).

Durante o trabalho de campo, a cada entrevista era feita uma avaliação em relação aos grupos entrevistados, de modo a construir uma amostra representativa em função dos interesses teóricos da pesquisa. Nesse caso, foram selecionados quatro grupos de jovens que se reúnem pelo interesse musical no *rap*. Além disso, os grupos apresentaram em suas respostas aspectos que permitiram a análise de suas orientações coletivas em torno da formação geracional, relacionamento e sexualidade, bem como em torno de suas experiências frente à discriminação e suas estratégias. Apesar de algumas exceções, os jovens, em geral, têm entre 17 e 27 anos, são homens, se identificam como negros e vivem nos setores considerados mais pobres em Ceilândia-DF.

Os procedimentos de coleta de dados por meio da observação participante, bem como a ênfase na história de vida dos atores sociais entrevistados, foram utilizados para se reconstruir as visões de mundo presentes em suas ações coletivas. Nesse caso, o método documentário de interpretação encontra operacionalidade de diversas formas. Materiais como imagens fotográficas, documentos e a prática da observação participante, incluindo-se a realização de entrevistas, podem constituir referenciais para o processo de compreensão da visão de mundo dos sujeitos sociais. Essa triangulação de métodos ou de técnicas de coleta de dados será de grande relevância para uma maior abrangência da análise das entrevistas de grupo.

Em atenção a aspectos éticos, os nomes dos respondentes, bem como o nome dos setores onde vivem, grupos e organizações receberam pseudônimos com vistas a garantir o anonimato, bem



como para preservar sua integridade, são eles: Resistência Periférica, Revolução MC's, Rap Comando e BR45. Portanto, pseudônimos serão utilizados para todos aqueles que participaram dos grupos de discussão, a exceção será para depoimentos obtidos no contexto de eventos públicos. Além disso, instituições como organizações assistenciais e movimentos sociais terão o mesmo tratamento, a não ser que não haja a possibilidade de identificação dos respondentes.

O trabalho de campo se concentrou na cidade de Ceilândia<sup>iii</sup>, distante 35 km da capital Brasília, uma periferia urbana, com precária oferta de equipamentos e de serviços públicos para sua população, constituída majoritariamente de negros e de imigrantes pobres, em geral da região nordeste.<sup>iv</sup>

Essa pesquisa foi capaz de revelar o quanto um periferia urbana no Distrito Federal, expressa diferentes hierarquias sociais vistas a partir das relações de classe social, gênero e sexualidade, raça e etnia. Além disso, observou-se brevemente como a juventude redefine, sob uma nova ótica, a própria maneira de compreender o que significa ser “ser urbano” na contemporaneidade.

O trabalho de campo, incluindo as observações participantes e as descrições dos grupos analisados, pois apresenta diversos elementos relacionados as orientações coletivas dos jovens em relação a sua identificação com o estilo *hip-hop*, bem como, sobre a formação dos grupos de rap. A relação intergeracional com pessoas mais velhas dentro do universo familiar ou da Escola expressa parte da percepção juvenil do espaço urbano. Dessa forma, a cidade se apresenta para o jovem ao mesmo tempo com um espaço precário e como um espaço mutável a partir da construção de valores de pertencimento coletivo como a amizade.

Nesse contexto, a sexualidade dos jovens é discutida a partir da ótica da afetividade e da constituição dos vínculos afetivos na vida urbana. A fugacidade dos relacionamentos ou a perspectiva de futuro monogâmico são dilemas enfrentados pelos jovens. Em relação a isso, há o enfrentamento de aspectos relacionados à construção de um sentido de masculinidade que não é unívoco, mas frequentemente sexista.

Os grupos apresentam em suas orientações coletivas elementos no sentido de uma interação entre o estilo de vida *hip-hop* e as definições de papéis hierárquicos entre homens e mulheres. A misoginia e o sexismo, enquanto valores masculinos, assumidos pelos grupos, por outro lado, não inviabilizam a construção de discursos afetivos em que as mulheres estabeleçam outras diretrizes, seja no sentido de uma inversão de poder patriarcal ou mesmo na construção de novas utopias que



possam interferir na solução de problemas enfrentados pela juventude, como o pessimismo quanto ao futuro ou à violência.

Para a construção de um tipo analítico das *orientações coletivas* dos grupos selecionados, são enfocados aspectos em torno da sexualidade masculina. Esse enfoque permitirá que se observe como a masculinidade frente as relações interpessoais de amizade que são relevantes para a reconstrução documentária de um tipo jovem definido no âmbito das relações de gênero a partir construção e distribuições de papéis femininos e masculinos especificamente na esfera da sexualidade e do relacionamento afetivo.

Os grupos apresentam em suas orientações coletivas elementos no sentido de uma interação entre o estilo de vida *hip-hop* e as definições de papéis hierárquicos entre homens e mulheres. A misoginia e o sexismo, enquanto valores masculinos, assumidos pelos grupos, por outro lado, não inviabilizam a construção de discursos afetivos em que as mulheres estabeleçam outras diretrizes, seja no sentido de uma inversão de poder patriarcal ou mesmo na construção de novas utopias que possam interferir na solução de problemas enfrentados pela juventude, como o pessimismo quanto ao futuro ou à violência.

#### *Alguns resultados*

O estilo hip hop expressa o sentido de determinadas orientações coletivas dos jovens que se organizam em grupos de afinidade musical como o *rap*. Além disso, o estilo permite que eles reconheçam a si próprios a partir de determinados sinais que os distinguem de outros estilos juvenis. Nesse contexto, os jovens elaboram diferentes definições dos seus relacionamentos descritos em alguns momentos como “namorar”, “ficar” ou mesmo “casar”.

Segundo os jovens, em sua maioria homens heterossexuais e negros, o relacionamento amoroso, constitui um conjunto de práticas voltadas para a afetividade e para a interação social. Contudo, observa-se que os vínculos afetivos expressam valores misóginos que excluem e invisibilizam as mulheres. Além disso, para os jovens, o relacionamento afetivo seja no contexto do namoro ou do casamento constitui uma possibilidade de mudança no significado e na dinâmica de consumo masculino. Nesse caso, o relacionamento vivenciado pelos jovens influenciará a maneira pela qual eles irão se apresentar nos espaços de lazer interferindo em seus hábitos como, por exemplo, o costume de sair com os amigos para uma festa, para um show ou para uma apresentação pública.



Por outro lado, o relacionamento possui a capacidade de redefinir o papel masculino no contexto de conflitos com outros jovens e grupo rivais que promovem o que se define como “guerra”. O envolvimento afetivo monogâmico na forma de um namoro pode influenciar as expectativas dos jovens frente a esses conflitos que eventualmente tem desfechos violentos, portanto, a mulher tem a capacidade de “mudar a cabeça” do homem na medida em que estes escolhem enfrentar seus dilemas geracionais construídos intersubjetivamente. “Mudar a cabeça” significa que o afeto, para além de um amor romântico, é capaz de gerar transformações em suas vidas.

Os jovens em geral são solteiros e “não admitem terem namoradas” apesar de “ficarem” eventualmente com garotas em festas, “frevos” no setor onde moram ou em outras regiões da cidade onde têm amigos. Eles são desempregados e moram com seus pais dos quais dependem economicamente. Idealizam o namoro como uma etapa importante para realizar o casamento e constituir uma família. Contudo admitem que em geral estão envolvidos em relacionamentos menos formais.

O casamento é considerado uma realização importante para a construção de um “futuro”, mas essa opção requer um planejamento e implica ter meios de se sustentar de modo independente. Diante das dificuldades consideram que o que se pode fazer por enquanto é “sonhar”.

Entre os casados assim como entre os que têm namoradas, vigoram relações de caráter patriarcal que marginalizam a mulher, tornando-a ausente do espaço de lazer e entretenimento, que se torna masculinizado. O jovem do sexo masculino, por sua vez, assume um papel ambíguo. Ao mesmo tempo que encontra no relacionamento amoroso a possibilidade de enfrentamento dos dilemas de ser jovem numa determinada conjuntura social mantém comportamentos relacionados à vida mundana e festiva considerados “falhos” e compartilhados por seus amigos e parceiros.

Os grupos *Rap* Comando, BR45, e Revolução MC’s têm algumas semelhanças que os aproximam. São formados por jovens, em sua maioria com até vinte anos de idade e solteiros. Poucos admitem terem namoradas apesar de eventualmente ficarem com garotas do setor onde moram ou em outras regiões da cidade onde têm amigos.

Boa parte tem possibilidade de se reunir na escola em que estuda ou em atividades promovidas por ONGs locais como o Resistência Negra. Os que não estão frequentando a escola se encontram na rua ou na casa de amigos.

O grupo Resistência Periférica, por sua vez, é constituído em sua maioria por jovens entre 20 e 30 anos. São casados e ou separados e via de regra vivem em local independente da moradia



dos pais. O grupo não menciona nenhum vínculo com movimentos organizados. Sua interação ocorre por razões de vizinhança (seu bairro) ou devido à frequência a bailes em locais diversos. Muitos já concluíram o ensino fundamental e médio, mas alguns frequentam a escola atualmente. Além disso, todos trabalham.

Os jovens do Resistência Periférica, diferentemente dos outros grupos, são responsáveis por arcar com seus gastos e serem independentes dos pais. Alegam ter conhecido suas mulheres em bailes de *hip-hop*. Estas compartilhavam do mesmo estilo de vida, mas após o casamento, vieram os problemas e as responsabilidades como mudança de residência, nascimento dos filhos. Mesmo diante dessas mudanças, os rapazes continuam a frequentar as atividades de lazer características do seu estilo de vida, ir aos bailes para se apresentarem, sair para uma festa em um grupo exclusivamente de homens. Conseqüentemente isso gera uma tensão no relacionamento e os casais brigam mais frequentemente. Os jovens do grupo alegam que suas companheiras estão tentando “tirar do homem aquilo que lhe pertence”. Nesse caso, a expressão se refere à possibilidade de sair com outros homens mesmo que isso implique indiretamente em circular em espaços que não são exclusivamente masculinos.

Em todos os grupos discutiu-se o papel da mulher. A mulher é definida como aquela que “dá apoio” ao seu companheiro, contudo, aqui o sentido de “apoiar” se remete a uma relação de subserviência. Nesse caso, não cabe a mulher “levar”, no sentido de definir as regras do relacionamento, mas de “ser levada” pelo seu namorado

Os rapazes alegam que ao namorar garotas voltadas para outros estilos musicais, como o pagode ou o forró tentam influenciá-las a se envolverem com o hip hop. No caso das garotas é bem menos comum namorarem rapazes de outros estilos de vida, que não o hip hop. Em geral nos grupos de *rap* as mulheres assumem papéis secundários como *backing vocal* (segunda voz). Além disso, grupos femininos são bem menos frequentes. Portanto, implícita nas orientações coletivas dos jovens há uma distribuição hierárquica de poder em termos de gênero como observado no sentido do “apoio” que deve ser prestado pelas garotas aos seus namorados.

Ao se tratar da visão dos grupos sobre o relacionamento com as companheiras observamos algumas semelhanças. O grupo Resistência Periférica o define como “complicado”, pois elas não gostam de sair, apesar de ficarem contrariadas com a saída de seus companheiros.

A dualidade entre ser “bom marido” ou ser um homem “falho”, expressa a complexidade dos relacionamentos dos jovens. As atividades como sair para beber ou ir a bailes são



masculinizadas. Já para as mulheres o lazer se torna limitado em razão do casamento o que as leva a se tornarem invisíveis para o grupo.

Nas poucas falas das garotas, observou-se uma identificação com o estilo *hip-hop* e o que isso significou antes de assumirem um relacionamento. Amanda, uma das componentes do grupo Rap Comando, definiu essa situação como “curtir primeiro”. Contudo, quando as jovens manifestavam seu interesse em desfrutar do lazer proporcionado pelo *hip-hop* surgiam considerações dos jovens como “fica de olho nela”, o que expressa o sexismo dentro do grupo devido ao desejo de interdição e controle das garotas pelos rapazes. No caso de Amanda, há uma dupla classificação, racializada e masculinizada, por parte dos rapazes pelo fato dela usar roupas folgadas, mais adequadas aos representantes do sexo masculino, e ser considerada gorda.

Quando nas discussões se abordou a questão do lugar das mulheres nas práticas de lazer, observou-se um longo silêncio. Entretanto, como vimos em diversas passagens, os jovens utilizam expressões que reforçam a limitação da mulher como “ficar aí” ou “ficar esperando” o retorno de seu companheiro que “vai sair fora” para se divertir com seus amigos. O lugar da mulher é no espaço doméstico, onde o homem não participa: “não dá para ficar no mesmo mundo dela”. Portanto, a casa é o lugar da solidão feminina. Para o homem a casa é simplesmente lugar de saída, mas não de permanência. De acordo com a mentalidade misógina masculina, o lugar da mulher é a casa: “é melhor ela ficar em casa a ter que sentir mal na rua”.

Por outro lado, no ambiente do baile e do lazer masculino, ocupando lugar dessa mulher “carinhosa” restrita à esfera doméstica, surge a “piriguete”. Uma outra mulher, genérica hiper sensualizada e, conseqüentemente desumanizada, que estará supostamente disponível para relacionamentos fugazes no imaginário dos rapazes. Portanto, a festa, enquanto carnavalização da vida estabelece outras dinâmicas de interação social para “os caras” e “as minas” em que a sexualidade masculina e feminina é redefinida a partir de novos vínculos afetivos.

Durante algumas passagens dos grupos de discussão os jovens em sua maioria identificados como negros se remeteram a algum tipo de experiência discriminatória envolvendo a relação afetiva. De fato apesar de os jovens negros eventualmente sofrerem preconceito por parte de mulheres brancas, admite-se que há uma certa preferência por elas. Além disso, os jovens afirmam que encontram dificuldade para se relacionarem com mulheres negras, as quais, segundo eles, não demonstram tanto interesse em estabelecer um relacionamento como ocorre mais frequentemente com as brancas. Nesse caso, estar com as mulheres brancas, ainda que essas os rejeitem, remete ao



desejo latente de apropriação do que é branco, ou seja, se tornar “branco”, reiterando o que Fanon definiu como “o mito sexual da busca pela carne branca” (FANON, 2008, p. 82).

Nesse sentido, discute-se a relação do homem negro e a mulher branca, que se relaciona à idéia do racismo como algo assimilado como inconscientemente, “epidérmico”, que imprime o desejo pela brancura por parte do homem negro. Ele busca numa atitude agressiva a compensação da situação de abandono e desprezo pelo fato de ser negro. Essa situação, de fato, ocorre como resultado de um sistema estruturado com múltiplas hierarquias na relação do indivíduo com o seu contexto de socialização.

De um modo geral, apesar do discurso misógino dos jovens quando todos estão reunidos, homens e mulheres, em locais de festa, a dinâmica da paquera não é conduzida necessariamente pelos rapazes, mas também é articulada e definida pelas garotas que tem a capacidade de decidir com quais garotos querem “ficar”. A sensualidade e o amor romântico são negociados e reinterpretados. Os beijos e as carícias trocados não implicam necessariamente numa dominação unilateral, mas numa tensão entre gestos, olhares, caras e bocas, que definem a complexidade dos papéis femininos e masculinos, que eventualmente transgridem o sexismo implícito nos contatos sociais.

#### *Considerações Finais*

Os jovens definem o envolvimento com o *hip-hop* como orientador de suas escolhas afetivas. Trata-se de uma prerrogativa masculina para determinar a dinâmica do relacionamento com as garotas, definidas em categorias como: “donas”, “minas” ou “piriguetes”. Nesse contexto, estipulam-se certos valores masculinos de cunho sexista que limitam o espaço de circulação das jovens, especialmente aqueles relacionados ao lazer. Os jovens do sexo masculino geralmente preferem buscar diversão na companhia de amigos em detrimento de suas namoradas ou esposas, mas frequentam espaços de socialização e lazer onde há a presença feminina. Além disso, alguns jovens, “garanhões” ou “aqueles que pegam todas”, preferem se envolver em relacionamentos ocasionais com as “donas” ou “piriguetes”. Nesse caso, a vida festiva, expressa no “curtir o frevo” ou “ficar zanzando”, se apresenta como uma oposição ao relacionamento estável de cunho monogâmico.

Em contrapartida ao discurso predominante que invisibiliza a participação feminina na constituição do relacionamento afetivo, há determinadas situações em que se observaram inversões ou reações das jovens no sentido de determinarem suas próprias escolhas frente à configuração do





relacionamento patriarcal ou frente à redefinição de um prognóstico de futuro que possa interferir na solução de problemas enfrentados pela juventude como o pessimismo e a violência urbana. Portanto, as jovens têm a capacidade de “mudar a cabeça” de seus companheiros e livrá-los da “guerra”.

#### Os jovens

Para os jovens *rappers* de Ceilândia, o amor romântico é redefinido pelos relacionamentos por eles orientados. Apesar do sexismo e misoginia, não se pode afirmar simplesmente que haja uma dominação unilateral, mas uma complexidade dos papéis femininos e masculinos, que, eventualmente, transgridem o sexismo implícito nas interações sociais.

#### *Referências bibliográficas*

- DIEESE. Pesquisa de emprego e desemprego: PED, 2000.  
FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.  
MANNHEIM, K. Essay of sociology of knowledge [introdução e organização: Paul Kecskemeti]. London: Routledge & Kegan Paul, 1952.  
\_\_\_\_\_. El problema de las generaciones [tradução: Ignacio Sánchez de la Yncera]. REIS – Revista Española de Investigaciones Sociológicas, n. 62, p. 123-132, abr/jun, 1993.  
TAVARES, Breitner. Na quebrada, a parceria é mais forte – Juventude: relacionamento e estratégias contra a discriminação em Brasília, tese de doutoramento, Programa de Pós graduação em Sociologia da Universidade de Brasília- PPGS-UnB, 2009.  
WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. In **Educação e pesquisa**. Revista da Faculdade de Educação. São Paulo: USP, 2006, p. 241-260.

<sup>i</sup> Professor adjunto da Universidade Federal de Alagoas –UFAL, no Instituto de Ciências Sociais- ICS e membro do Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS-UFAL. O autor ainda é membro do grupo de pesquisa de Raça Gênero e Juventude – GERAJU. E-mail: [btavares.ufal@gmail.com](mailto:btavares.ufal@gmail.com)

<sup>ii</sup> *Na quebrada, a parceria é mais forte* – Juventude: relacionamento e estratégias contra a discriminação em Brasília, título da tese de doutoramento defendida em maio de 2009 pelo Programa de Pós graduação em Sociologia da Universidade de Brasília- PPGS-UnB.

<sup>iii</sup> Hoje, aos 38 anos de existência, já possui aspectos de uma cidade densa e heterogênea com cerca de 332.445 mil habitantes (CENSO/IBGE-2000) sendo que desse total, 72.521 (21,8%) são jovens entre 15 e 24 anos.

<sup>iv</sup> Segundo o DIEESE (2000), o Distrito Federal concentra a terceira maior população negra do país em termos percentuais (63,7%), precedida apenas por Salvador-BA (81%) e Recife-PE (64%). Essa caracterização racial de Brasília pode ser mais um indício para a compreensão de processos de segregação socioespacial.